

O estigma de uma obra: a trajetória de Euclides da Cunha e suas reapropriações sob o ponto de vista do positivismo e do evolucionismo

The stigma of a book: Euclides da Cunha's literary work and the influence of positivism and evolutionism on it

NATÁLIA PEIXOTO BRAVO DE SOUZA

Universidade de São Paulo – USP

GASTÃO GALVÃO

Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia – COPPE | UFRJ

173

RESUMO: Este artigo analisa a influência do positivismo e do evolucionismo na obra de Euclides da Cunha, relativizando a idéia de que Euclides da Cunha foi eminentemente positivista. A partir da análise dos dados biográficos e de seu livro de maior destaque, Os sertões, nossa intenção é compreender como foi construída uma memória que associa Euclides da Cunha, quase exclusivamente, ao positivismo, e que agentes sociais tiveram participação nessa construção.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; Positivismo; Evolucionismo.

ABSTRACT: This article analyzes the influence of positivism and evolutionism on the literary work of Euclides da Cunha making a relativization of the idea that Euclides da Cunha was essentially positivist. With this work, we intend to understand how this memory that associates, almost exclusively, Euclides da Cunha to positivism was created and who were the social agents involved in this construction.

Key words: Euclides da Cunha; Positivism; Evolutionism.

Introdução

Neste artigo, pretende-se discutir as matrizes teórico-científicas do pensamento de Euclides da Cunha, dando ênfase aos processos de realce e esquecimento que permitem a exaltação de certas características de um escritor e o esquecimento de outras. No caso específico de Euclides da Cunha, há

um consenso na historiografia nacional acerca de sua formação e filiação científica: o escritor formou-se intelectualmente na Escola Militar de engenharia, onde lecionava o positivista histórico Benjamin Constant, e essa formação teria sido responsável por sua adesão incondicional ao positivismo comtiano. No entanto, quando se considera não os traços biográficos do escritor, mas sua produção intelectual, nota-se uma íntima ligação entre o pensamento de Euclides da Cunha e o evolucionismo de matriz spenceriana. Em seu livro de maior destaque, *Os sertões*, toda a argumentação de Euclides acerca da superioridade do sertanejo do interior em relação ao do litoral está baseada em conceitos como adaptação ao meio, evolução e hierarquia das espécies, caros ao evolucionismo, e não ao positivismo de Augusto Comte.

Partindo dessas considerações, este artigo tem por objetivo, reitero, indagar como foi criada uma memória que associa a trajetória intelectual de Euclides da Cunha a um pensamento eminentemente positivista, apesar de boa parte de sua produção bibliográfica ter sido marcada não pelo positivismo, mas pelo evolucionismo de Spencer.

Breve histórico

Euclides da Cunha, hoje reconhecido como um dos maiores escritores brasileiros, dedicou boa parte de sua vida ao estudo de ciências exatas, ao contrário do que se poderia pensar.¹ Nascido na cidade fluminense de Cantagalo, Euclides da Cunha logo se mudou de lá, para Teresópolis, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, numa espécie de antecipação do que seria sua vida de peregrino das ciências e das letras.

Já na adolescência, à época de prestar concurso para a faculdade, Euclides da Cunha mudou-se novamente para o Rio de Janeiro, onde pretendia preparar-se para o ingresso na Escola Militar, já que esta, além de oferecer um curso de engenharia de qualidade, pagava um pequeno soldo aos alunos, motivo pelo qual muitos meninos de classe média optavam pela citada escola.² Desse modo, Euclides da Cunha ingressou no colégio Aquino, onde esperava preparar-se para ingresso na faculdade de engenharia. Lá, Euclides da Cunha travou contato pela primeira vez com a doutrina positivista, através de um dos mais ardorosos defensores e propagadores do positivismo: Benjamin Constant. O professor de matemáticas do curso Aquino e da Escola Militar, que causava admiração nos alunos por sua retidão moral e firmeza de convicções, acabou despertando a admiração também de Euclides, que a partir daí entrou em contato com a doutrina positivista e o republicanismo, outra de suas paixões da adolescência.

Algum tempo depois, já aluno da Escola Militar e guiado por essas convicções, no positivismo e na república, Euclides da Cunha quase viu seu sonho de tornar-se engenheiro desmoronar: durante uma visita do ministro da guerra Tomás Coelho, no ano de 1888, portanto a apenas um ano da proclamação da república, Euclides da Cunha foi expulso da Escola Militar por ato de rebeldia. Isto porque Euclides, em ação previamente combinada com o restante dos alunos da instituição, atirou sua baioneta ao chão na frente do citado ministro, em sinal de protesto. Os alunos estavam descontentes com a falta de reajuste em seus soldos e com a própria instituição monárquica, porquanto boa parte dos alunos era composta de republicanos.

No entanto apenas Euclides cumpriu com o prometido, e por isso foi punido exemplarmente. O que poderia ter sido a sua ruína transformou-se, no ano seguinte, em sua glória. Com a Proclamação da República, a atitude de Euclides da Cunha converteu-se, de ato de rebeldia em ato de heroísmo, e o

ex-aluno foi readmitido na Escola Militar. Além disso, Euclides teve a honra de ir encontrar-se com um dos generais proclamadores da República, Sólton Ribeiro, seu futuro sogro. Algum tempo depois, foi oferecido a Euclides o privilégio de escolher o cargo que quisesse para iniciar sua carreira de engenheiro militar, mas Euclides, provavelmente inspirado pela retidão de caráter de seu mestre Benjamin Constant e pela própria doutrina positivista, avessa às tradições do privilégio e a favor da meritocracia, solicitou apenas a sua alocação em um emprego compatível com a sua situação de recém-formado.

Essa primeira fase da vida de Euclides da Cunha é, portanto, a fase em que aparecem mais fortes os traços do positivismo em seus dados biográficos. Como já foi dito, a influência do positivismo aparece mais a partir de uma análise da juventude do escritor, ou seja, de sua biografia, do que de sua produção bibliográfica. Não há, na obra de Euclides da Cunha, evidência concreta de sua adesão ao positivismo. Além disso, o escritor nunca se filiou à Igreja Positivista situada à rua Benjamin Constant.

Mais tarde, tal influência começaria a perder importância na vida de Euclides da Cunha, o que não quer dizer que o conhecimento científico também tenha perdido espaço em sua vida, nem que Euclides tenha abandonado por completo a influência do positivismo. No entanto os traços do evolucionismo, teoria que teve bastante aceitação entre a elite intelectual brasileira de fins do século XIX, passaram a preponderar em sua produção intelectual. Já em 1892, quando Euclides da Cunha era ainda um engenheiro recém-formado e estava longe de ser reconhecido como seria depois da publicação de *Os sertões*, ele escrevia artigos que evidenciam sua adesão ao evolucionismo spenceriano. Em um desses artigos, em que Euclides comentava o período de agitações e oposição ao presidente Floriano Peixoto, vivido no Brasil daquela época, ele afirma que:

As Sociedades, como os indivíduos da vasta série animal, obedecem a uma grandiosa seleção, para o estudo da qual já se fez preciso que apareça um Darwin ou um Haeckel. As duas leis fundamentais da adaptação e da hereditariedade atuam sobre elas numa escala maior, mais difícil de perceber-se e o progresso, resultante inevitável das ações simultâneas desses dois fatores, nem sempre, em princípio, se manifesta de modo a satisfazer a mórbida afetividade de quem quer que seja.

Presos, vinculados ainda pela hereditariedade ao passado regime, toda essa agitação que por aí vai, toda essa luta entre o que éramos e o que somos hoje, é a luta pela adaptação aos novos princípios que atingiremos lenta mas fatalmente.³

Em outro artigo publicado no mesmo ano, Euclides, embora descorde do excesso de otimismo de seu mestre em relação ao futuro da humanidade, inicia seu texto dizendo:

Acabo de ler uma página iluminada de Spencer, em que o eminente evolucionista – como um bom filósofo crente na perfectibilidade humana – vaticina uma idade de ouro, durante a qual por um mais dilatado domínio das forças naturais se satisfaçam mais facilmente as necessidades imperiosas da existência menos assoberbada de trabalhos, tenha afinal a humanidade tempo de aformosear a vida, pela contemplação do belo na natureza e na arte.

O ilustre mestre deixou-se arrebatar demais pelas tendências profundamente humanas de seu grande espírito.⁴

Mas o período em que a afinidade entre Euclides da Cunha e o evolucionismo parece mais evidente é justamente o de produção e publicação de *Os sertões*, quando o escritor se torna conhecido no meio literário. Até então, Euclides exercia a profissão de engenheiro e publicava artigos no jornal *O estado de São Paulo*. O escritor foi mandado como correspondente do jornal para a Guerra de Canudos, após ter escrito artigos sobre o conflito, em que considerava certa a vitória do exército republicano, expressão da civilização, sobre os sertanejos do arraial de Canudos. No mais famoso deles, intitulado “A nossa Vendéia”, o autor chega a comparar o incidente de Canudos ao ocorrido em Vendéia à época da Revolução

Francesa, quando os habitantes do citado local se opuseram e resistiram ao movimento laico e revolucionário. Para Euclides, resistir ao exército republicano era resistir à própria civilização. No citado artigo, publicado em 14 de março de 1897, Euclides argumenta que: “O homem e o solo justificam assim e de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendéia, o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império. [...] Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. A república sairá triunfante desta última prova.”⁵

Foi essa cobertura jornalística da Guerra de Canudos que possibilitou a Euclides escrever o livro *Os sertões*, com o qual inaugurou sua vida de escritor. De acordo com Regina Abreu, em livro intitulado *O enigma de Os sertões*, a recepção do livro do até então desconhecido escritor foi muito positiva, e Euclides da Cunha recebeu críticas favoráveis de José Veríssimo, Araripe Junior e Silvio Romero. Os três críticos destacaram em seus artigos, além do inegável valor literário de *Os sertões*, seu caráter científico, de verdadeiro estudo sobre as condições do sertão brasileiro. Essas críticas, escritas por intelectuais também bastante identificados com o evolucionismo, ajudaram a tornar o livro um sucesso de vendas e a transformar Euclides da Cunha, de engenheiro e jornalista, em um dos escritores mais conhecidos do país. Após a publicação de *Os sertões*, Euclides da Cunha publicou outros livros, também marcados por seu viés científico, e, à época de sua morte, em um trágico crime passionai que ganhou as manchetes dos jornais do país, continuava entretido em seus projetos de denúncia e tentativa de incorporação do que ele via como o Brasil atrasado ao Brasil civilizado.

Desse modo, e de acordo com Miguel Reale,⁶ a preocupação científica e filosófica de Euclides da Cunha perpassou toda a sua vida. Sua trajetória passou por um desenvolvimento filosófico que vai do positivismo comtiano ao evolucionismo progressista de Spencer. Seu pensamento adotou uma característica contrária à metafísica, que, para ele, seria uma das causas da esterilidade de muitos pensadores de seu tempo, principalmente dos intelectuais brasileiros. Sobre isso, Euclides da Cunha se pronunciou claramente na ocasião de sua admissão ao colégio Pedro II, quando lhe foi perguntado a respeito da essência do ser, uma pergunta que remete à metafísica. Na ocasião, Euclides da Cunha respondeu que:

Metafísica, dizem, é a ciência do Ser, e alguns acrescentam – do Ser, ou do Absoluto. Ora. O ser implica, inegavelmente, as mais arrojadas concepções filosóficas: a idéia de ser enfeixa, sem excetuar uma só, todas as conclusões de todos os sistemas dogmáticos e é, necessariamente, o corpo, e o âmago de uma falsa ciência, toda arquitetada de hipóteses aventurosas, de hipóteses inverificáveis – portanto – inaceitáveis – de uma falsa ciência, toda feita de hipóteses arrojadíssimas, desenvolvendo-se sob o influxo exclusivo do método reflexivo, inteiramente a cavaleiro dos preceitos regulares que a lógica nos dá para que afiremos a legitimidade do nosso pensamento.⁷

Euclides da Cunha: positivista ou evolucionista?

A afirmação de que a figura de Euclides da Cunha já está intrinsecamente ligada ao positivismo não é apenas intuitiva: essa ligação está presente na obra de historiadores renomados⁸ e, mesmo no sítio da Igreja Positivista do Rio de Janeiro,⁹ o escritor aparece como um dos supostos seguidores da doutrina. Um dos numerosos exemplos dessa ligação feita pelos acadêmicos entre Euclides da Cunha e o positivismo aparece em um texto do historiador Nicolau Sevcenko, intitulado “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. No citado texto, Sevcenko, ao tratar da Guerra de Canudos, da qual Euclides participou como correspondente, diz que: “Dessa última expedição participou como

correspondente de guerra do jornal *O estado de São Paulo* o jovem escritor positivista Euclides da Cunha, formado engenheiro na escola militar da praia vermelha”.¹⁰

Também na obra da historiadora Mônica Velloso, essa ligação entre Euclides e o positivismo aparece. Em texto intitulado “A literatura como espelho da nação”, a pesquisadora, ao estudar a chamada Geração de 1870, atribui à mesma uma postura positivista, com base no gosto por uma literatura documental, na utilização de parâmetros científicos, na idéia de que o meio explica o homem, entre outras características. Nas palavras da própria autora: “Essa concepção de literatura, vista como apêndice ou epifenômeno da realidade, é de matriz positivista. Encarada como discurso menor ou discurso de segunda grandeza, a literatura só passa a ser respeitada quando escorada pelos parâmetros científicistas”.¹¹

Conforme Velloso, a literatura vista como epifenômeno da realidade é de matriz positivista, sendo quaisquer manifestações literárias que não tivessem um caráter científico-positivista encaradas como um discurso de menor importância. Essa postura não é, entretanto, exclusividade do positivismo. Autores da geração de 1870, como Silvio Romero, Tobias Barreto e o próprio Euclides da Cunha, não se cognominavam positivistas. Silvio Romero, inclusive, chegou a escrever um livro, intitulado *Doutrina contra doutrina*,¹² praticamente todo dedicado a desmerecer o positivismo comtiano e a enaltecer o evolucionismo. Como o próprio Silvio Romero deixa claro, o objetivo do livro era exatamente conseguir mais adeptos do evolucionismo entre a juventude, que naquele período parecia se encantar mais com o positivismo.¹³ Além do citado livro, houve outros momentos em que Romero criticou explicitamente o positivismo, que chamava de um dogmatismo de fanáticos. Nem a teoria positivista de evolução social, geralmente aceita mesmo por aqueles que criticavam o dogmatismo de Comte, ficou a salvo das críticas de Romero. Em texto intitulado “A classificação dos fenômenos em sociologia”,¹⁴ Romero critica a idéia de que a ciência substituiria a religião, presente em Comte. Segundo o autor, religião e ciência coexistiram em diferentes momentos da evolução histórica e por isso não se pode dizer que uma seria a substituta da outra. O caso de Silvio Romero parece ter sido bastante similar ao que supomos nesse artigo ter sido o de Euclides da Cunha, qual seja, o de um intelectual que, após um breve período de adesão ao positivismo, resolve se converter ao evolucionismo spenceriano. De acordo com Antonio Candido,¹⁵ Silvio Romero passou, em sua formação intelectual, por uma primeira fase de adesão ao positivismo comtiano, do qual mais tarde teria se afastado para abraçar as idéias do evolucionismo spenceriano, o que se confirma com as afirmações do próprio Silvio Romero: “Em 1868 [...] no Recife, já eu e meus amigos líamos Comte, Littré, Buckle, Taine, Max Muller, Renan, Vacherot. [...] Comte só foi largado por amor a Spencer, a Darwin, a Haeckel, a Büchner, a Vogt, a Moleschott, a Huxley.”

Um desses amigos aos quais se refere Silvio Romero certamente foi Tobias Barreto, formado intelectualmente no mesmo ambiente de propagação das teorias científicas do autor. Ambos faziam parte do chamado grupo do Recife. Ainda sobre a formação intelectual de Silvio Romero, escreve Antonio Candido:¹⁶

Silvio teve uma admiração sem limites pelas correntes de seu tempo e, até o fim da vida, não perdeu mais certo ar de novo-rico da cultura, usando e abusando de termos técnicos, inventando designações, apelando a cada instante para os seus mentores. Os principais deles foram Buckle, Taine, Haeckel e Spencer. Embora tenha sempre conservado a impregnação de alguns ensinamentos do positivismo Comtiano, foram esses autores (acessíveis e de fácil leitura) que lhe forneceram os fundamentos da intuição – para usar seu o termo predileto.

E mais adiante: “[...] Logo, ao contrário do que pensava no ano anterior, o positivismo não pode dar a nova fórmula política. Já então se desligara dele, e há nesse ensaio um trecho onde o censura por desconhecer a psicologia, erro que o Darwinismo – ‘ao lado de outras idéias vai corrigindo’ – o que

denota passagem ao evolucionismo. Por outras palavras, adota a crítica spenceriana à classificação das ciências de Comte.”

Desse modo, e assim como outros intelectuais dessa época, como Araripe Junior, Capistrano de Abreu e o próprio Euclides da Cunha, Silvio Romero, apesar de ter travado contato com a teoria Comtiana, abandonou-a mais tarde para seguir os ensinamentos dos evolucionistas. O próprio fato de Silvio Romero ter afirmado que largou o positivismo em benefício das teorias evolucionistas pode ser lido como um possível reconhecimento, da parte de Romero, da dificuldade de aderir às duas doutrinas ao mesmo tempo, já que as duas possuem contradições flagrantes, que serão mais bem esclarecidas adiante.

Mônica Velloso,¹⁷ ao descrever Euclides, também chama a atenção para sua suposta postura positivista-evolucionista. Como já foi dito, positivismo e evolucionismo são duas doutrinas distintas e, em certos pontos, irreconciliáveis. Apesar de compartilharem algumas idéias comuns, como a da metodologia científica, que, aliás, estava presente em todo o conhecimento científico da época, positivismo e evolucionismo se afastam em pontos cruciais, o que torna problemática essa definição de um intelectual como sendo, ao mesmo tempo, positivista e evolucionista. Cabe no momento definir resumidamente o que sejam os dois conceitos.

Criado – ou sistematizado, como afirmam muitos de seus seguidores e dissidentes – por Augusto Comte, o positivismo surge na França do início do século XIX¹⁸ e tem como idéias principais a lei dos três estados, a hierarquia dos conhecimentos e o encadeamento dos fatos históricos a partir de uma perspectiva temporal evolutiva, o que minimiza a margem de ação dos seres humanos na história, uma vez que, independentemente de nossas vontades, os fatos se desenrolarão de acordo com as leis gerais que regem os acontecimentos no mundo. Propõe, neste sentido, uma lei positiva que, supostamente, preside a História.

No entanto, apesar de, nesse aspecto, restringir a autonomia de ação do homem, a doutrina positivista prima pela proposição da ação, e não pela contemplação, ou seja, deseja estudar somente aquilo que possa ser comprovado cientificamente e que seja resultado de ações concretas, e não de abstrações. Isso quer dizer, por exemplo, que, para Comte, o que interessava era resolver o problema da pobreza, um dado concreto da sociedade e resultado da ação de seres humanos, e não identificar as causas desse problema. Para isso, o autor propunha a proteção dos mais fracos pelos mais fortes e a criação de leis sociais e trabalhistas, de modo a dignificar a pobreza e a proteger o trabalhador. Evidentemente, Comte não se pronunciou sobre as causas reais da pobreza, nem culpabilizou os industriais ou o grande capital por isso. Augusto Comte, ao contrário, atribuía um papel fundamental aos industriais no processo de evolução da humanidade De acordo com José Arthur Giannotti, autor do prefácio à edição brasileira do livro sobre Augusto Comte da coleção *Os pensadores*: “Em Suma, o espírito positivo, segundo Comte, instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil”.¹⁹

As abstrações pertenceriam ao campo metafísico, que, segundo a própria lei dos três estados, seria um estágio ultrapassado da humanidade, quando os homens, que ainda não tinham a ciência como instrumento de compreensão do mundo, recorriam a explicações abstratas, crenças, ou razões metafísicas para entendê-lo. Dessa forma, para os adeptos dessa escola, o que não pode ser comprovado empiricamente não é ciência e, por isso, não é considerado relevante para o progresso da humanidade. Nas palavras de João Ribeiro Junior, autor do livro *O que é positivismo?*:²⁰ “O positivismo é, portanto, uma filosofia determinista que professa, de um lado, o experimentalismo sistemático e, de outro, considera anticientífico todo o estudo das causas finais”

De acordo com a definição acima, Euclides da Cunha poderia perfeitamente ser considerado um positivista, já que compartilhava de muitas das idéias sistematizadas por Comte, como a da análise da história a partir de uma perspectiva evolutiva, da pesquisa empírica dos fatos, sem investigação de causas finais e da própria valorização do conhecimento científico, tido como o único legítimo.

No entanto, essas idéias não foram criadas por Comte, nem eram exclusividade do pensamento positivista. Como disse Stuart Mill,²¹ Comte se caracterizaria mais como um sistematizador de conhecimentos do que um descobridor dos mesmos. O que ele fez foi, a partir de influências como a dos iluministas e de filósofos como Hegel, sistematizar o que estava sendo dito em termos de ciência em sua época e rotular tais conhecimentos com o nome de positivismo.

As idéias de progresso, de leis da história, de importância da ciência e de análise empírica dos acontecimentos continuaram, portanto, fazendo parte do senso comum no meio científico da época, e outros preceitos científicos, que não o positivismo, também se utilizaram delas para formular suas doutrinas.

Desse modo, o positivismo se distingue de outras correntes científicas basicamente por dois pontos:

- 1) A lei dos três estados; e,
- 2) O catecismo positivista.

Este último foi uma tentativa de Augusto Comte de criar uma religião da humanidade. Para tanto, o autor utilizou, dando novo significado, muitos dos rituais e normas da igreja católica, como o batismo, o matrimônio, o apostolado, a criação de um novo calendário, de santos e de dias santos. Comte justificava tal apropriação dizendo que, de acordo com a lei dos três estados, o estado científico era posterior, mas herdeiro do estado teológico, e por isso os mesmos rituais poderiam ser utilizados, embora o grande objeto de devoção fosse a ciência, e não Deus. Essa é uma das idéias de Comte que, como vimos, foi alvo de duras críticas por parte de Silvio Romero.

Outra idéia muito importante presente no catecismo positivista, que vai de encontro ao evolucionismo, é a proteção dos mais fracos pelos mais fortes. De acordo com Comte, os mais aptos, ou seja, os mais fortes, deveriam se encarregar de proteger os mais fracos, de modo a conservar a ordem social e a harmonia. A idéia era dignificar a pobreza, e não eliminá-la.

Comte, que viveu na França de 1848 e chegou a ser discípulo de Saint Simon, tendo depois rompido com ele, estava, com essas idéias, pensando em uma forma de manter o proletariado longe de idéias extremadas e do que ele parecia ver como desordem. Para manter a ordem social e para que a camada menos favorecida da sociedade não se levantasse pedindo igualdade social era necessário criar mecanismos de dignificação da pobreza, de satisfação das necessidades mínimas dessa população. Comte estava, portanto, longe de ser um revolucionário. No entanto ele estava mais longe ainda de ser um evolucionista, já que essa doutrina, formulada por Spencer, defendia a idéia da seleção natural das espécies, formulada por Darwin para descrever apenas o comportamento animal,²² mas que, para os evolucionistas sociais, deveria ser aplicada também aos seres humanos.

Spencer, que tinha Malthus como principal matriz teórica, acreditava que também entre os homens imperava a lei dos mais fortes. Os mais fortes sobrevivem, os mais fracos tendem a desaparecer. E não se deve ter pena daqueles que são mais fracos, fazer caridade ou dar esmolas para sua manutenção, que em nada ajudaria o progresso da humanidade. Eles devem, mesmo, desaparecer. É o meio que regula quem deve sobreviver ou ser extinto. Não se deve interferir na ordem natural das coisas.

Assim como Malthus, Spencer também argumentava que a guerra era benéfica, na medida em

que regulava automaticamente quem deveria viver ou não. Além disso, outra idéia importante de Spencer era a da luta pela vida. Segundo o autor, os homens viviam em constante competição, a qual não poderia ser cerceada por mecanismos estatais. A competitividade seria inerente à luta pela vida na qual os homens estão engajados, e qualquer tentativa de interferir nessa competição poderia alterar os resultados que seriam alcançados caso a “natureza” tivesse sido respeitada. Como se pode ver, Spencer era um entusiasta do liberalismo, muito diferente da idéia de ditadura republicana e da presença do Estado como regulador da ordem social, como aparece em Comte.

Portanto como conciliar a proteção dos mais fracos pelos mais fortes, de Comte, com a seleção natural de Spencer? Mais ainda, como equacionar a ordem social com a “desordem” causada pela competitividade entre os homens, em constante luta pela vida? De acordo com Ângela Alonso, professora da USP:²³

No catecismo positivista (1852), Comte apresentava uma religião civil – o catolicismo laico da Religião da Humanidade – e prescrevia um darwinismo às avessas: a proteção do mais fraco pelo mais forte. Políticas sociais compensariam a desigualdade social e reduziriam o antagonismo político da sociedade moderna entre proletários e patrícios. O sistema de política positiva (1851-4) defendia um regime republicano-presidencialista centralizado, inspirado na república romana. Comte não vinha promover a revolução, mas evitá-la.

Outro ponto importante de diferenciação entre as doutrinas diz respeito à questão racial: é verdade que Comte alude aos mais fracos e mais fortes em sua doutrina, o que nos leva a pensar que ele estivesse de acordo com as teorias raciais de sua época. No entanto Comte não se pronuncia, em momento algum, a respeito da questão racial nos moldes spencerianos, já que ele não define quem seriam os mais fracos ou os mais fortes. Spencer, ao contrário, o faz claramente, dizendo existirem raças mais aptas ao desenvolvimento que outras.

Ainda sobre o evolucionismo, a questão da adaptação ao meio e do meio como determinante, apontada por Velloso como característica da geração de 1870, é um traço, mais uma vez, do evolucionismo, e não do positivismo. De acordo com a teoria spenceriana, a idéia de adaptação ao meio é essencial na luta pela vida, na seleção natural. Só os mais adaptados sobrevivem. Essa importância atribuída ao meio não é monopólio do que é chamado de determinismo geográfico. O meio atua como um estímulo para a evolução dos caracteres dos seres vivos. Segundo a doutrina spenceriana mais fidedigna a Lamarck e Darwin, essas características adquiridas seriam herdadas pelas próximas gerações. O meio seria, portanto, um fator determinante como indutor de mudanças nos habitantes de um meio natural.

O pensamento euclidiano e suas matrizes

Esclarecidos alguns aspectos dos conceitos de positivismo e evolucionismo, uma outra questão se coloca: Por que Euclides da Cunha é conhecido como positivista, e não como evolucionista, apesar de grande parte das idéias presentes em seu livro de maior destaque, como a de que “estamos condenados à civilização” e a de que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” porque descende de bandeirantes brancos, serem claramente tributárias do evolucionismo? Mais do que isso: Por que só Euclides da Cunha é considerado positivista, e não o são também os outros integrantes da chamada geração de

1870, como Silvio Romero e Tobias Barreto, que seguiram uma trajetória intelectual muito parecida com a de Euclides?

Na segunda parte de *Os sertões*, intitulada “O homem”, o autor utiliza fartamente os conceitos de seleção natural, evolução das espécies e adaptação ao meio, entre outros, para explicar a força do sertanejo. Além disso, ele cita Spencer explicitamente em vários momentos. A idéia de Euclides não era a de acobertar o sertanejo, nem de defendê-lo, como o senso comum parece acreditar. Euclides da Cunha, assim como muitos evolucionistas, acreditava nos males da miscigenação, e na inferioridade do mestiço. No entanto ele tinha que explicar, cientificamente, como aqueles sertanejos degenerados haviam vencido três expedições do exército nacional, expressão da civilização e do progresso, durante a Guerra de Canudos. Daí a criação de suas teorias defendendo o mestiço do interior em contraposição ao mestiço do litoral, este sim um degenerado.

De acordo com Costa Lima, em livro intitulado *Euclides da Cunha: Contrastes e confrontos do Brasil*²⁴, a euforia de Euclides e a certeza que o escritor tinha da vitória dos republicanos frente a um bando de degenerados vão se transformando em incredulidade à medida que os sertanejos resistem ao cerco de Canudos. Desse modo, todo o tom pejorativo com que Euclides descreveu o sertanejo em seu *Diário de uma expedição*²⁵ é, de certa forma, amenizado em *Os sertões*, que, ainda assim, contém uma boa dose de evolucionismo. Nas palavras de Costa Lima: “[...] A rapidez da vitória é sempre adiada e o entusiasmo dos que de antemão se criam vencedores contrasta com o desfile dos feridos e combalidos que regressam da frente de batalha.” E mais adiante: “A incapacidade do mais moderno equipamento militar em aniquilar um adversário, inequivocamente inferior, além da incrível capacidade de resistência deste forçam Euclides a se indagar quem é este homem, o sertanejo, que não fraqueja. Já não lhe basta descrevê-lo como bruto e ignorante.”²⁶

Uma das explicações de Euclides acerca do que foi dito se encontra num trecho de *Os sertões*:²⁷

A verdade, porém, é que se todo elemento étnico forte “tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante o qual se acha” encontra na mestiçagem um caso perturbador. A expansão irresistível do seu círculo singenético, porém, por tal forma iludida, retarda-se apenas. Não se extingue. A luta transmuda-se, tornando-se mais grave. Volve do caso vulgar, do extermínio franco da raça inferior pelas guerras, a sua eliminação lenta, a sua absorção vagarosa, a sua diluição no cruzamento. E durante o curso desse processo redutor os mestiços emergentes, variáveis, com todas as nuances da cor, da forma e do caráter, sem feição definida, sem vigor, e a mais das vezes inviáveis, nada mais são em última análise do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura imperceptível, pelo correr das idades, é que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela **civilização**.

Entretanto, a ausência de civilização explicaria a predominância do mestiço do norte sobre o do litoral, pois como um pouco mais adiante escreve Euclides²⁸: “Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio.”

Essa ausência de civilização teria sido, também, um dos motivos pelos quais o sertanejo conseguiu resistir a três expedições do exército republicano: segundo o autor, no ambiente em que foi travada a guerra de canudos, que exige dos homens vigor físico e ligeireza de movimentos, mas não exige aptidões intelectuais, o mais adaptado é o sertanejo, e não o civilizado. Desse modo, para o escritor, é o sertanejo, dotado de uma “máxima energia orgânica, mínima fortaleza moral” que leva vantagem em um confronto realizado no interior do país.

Ainda segundo Euclides da Cunha, o sertanejo do norte seria um retrógrado e não um degenerado porque as vicissitudes históricas o libertaram. A condenação do Brasil à civilização apregoada por Euclides em *Os sertões* se deve ao fato de o país em formação ter que evitar o caráter retrógrado que ad-

viria com a generalização das condições da caatinga se tal fato não ocorresse. Para haver progresso seria, portanto, inevitável uma transformação do meio.

Euclides da Cunha advoga que a seleção natural na caatinga opera-se “a custa de compromissos graves com as funções centrais do cérebro” ocasionando uma disfunção entre o desenvolvimento intelectual e físico, o que firmaria inevitavelmente uma exaltação dos instintos sobre a fortaleza moral. Na mesma obra, Euclides da Cunha se mostra favorável à tese do evolucionismo spenceriano da hierarquia entre as raças.

Como se vê, Euclides estava afinado com as teorias do evolucionismo, e, portanto, a idéia de um Euclides eminentemente positivista parece mesmo uma construção historicamente datada. Mas em que momento e por que motivos essa construção começou a ocorrer?

Uma das possíveis explicações que se pode ressaltar é a que associa os intelectuais diretamente às suas formações acadêmicas. Euclides da Cunha foi aluno do curso de engenharia da Escola Militar e teve, entre seus professores, o positivista Benjamim Constant. A escola militar, em sua época, foi um grande e reconhecido local de difusão da doutrina positivista e dela saíram muitos proclamadores da república, entre eles o próprio Benjamim Constant. Desse modo, Euclides da Cunha teria sido formado intelectualmente em um ambiente de propagação das idéias positivistas, o que, por si só, já seria uma garantia de que ele era, de fato, um positivista. No entanto não é isso que demonstram os próprios escritos do autor.

Em uma referência nada elogiosa a Augusto Comte, que tinha sido seu ídolo na adolescência, assim manifesta-se Euclides da Cunha: “Um ideólogo capaz de emparceirar-se ao mais vesânico dos escolásticos”.²⁹ Essa afirmação de Euclides da Cunha a respeito de Comte evidencia sua insatisfação com o caráter dogmático e religioso de seu antigo mentor intelectual. No discurso feito por ocasião de sua admissão na Academia Brasileira de Letras, Euclides da Cunha refere-se aos membros do apostolado positivista da seguinte forma: para o escritor, os citados positivistas se encontravam “no território ideal de uma utopia, no dualismo da positividade e do sonho”.³⁰

Euclides da Cunha, em várias de suas crônicas escritas para o *Jornal do Commercio* e para *O estado de São Paulo*, fez questão de declarar que não era um positivista. Entretanto isso não invalida a tese de que ele sofreu, durante sua vida intelectual, influência do positivismo. Como naturalista, e atento ao que de mais novo se produzia na comunidade científica de sua época, ele sofreu a influência do positivismo, mas, certamente, não foi essa doutrina a única, nem a que mais influenciou seu pensamento. A questão é, portanto, entender em que momento essa identidade entre Euclides e o evolucionismo foi apagada em benefício de uma outra, que associou o escritor, quase que exclusivamente, à doutrina de Augusto Comte.

Outra hipótese sobre essa construção leva em consideração o descrédito com que o evolucionismo passou a ser tratado já na década de 30. A partir desse momento, as teses culturalistas passaram a ganhar mais espaço nos meios acadêmicos. Antropólogos como Franz Boas, que influenciaram importantes intelectuais brasileiros, como Gilberto Freire e o euclidiano Roquette Pinto, passaram a atribuir os males sofridos pelas supostas raças inferiores a questões de cunho social, e não racial.

Já a partir desse momento, as mazelas por que passavam os povos supostamente inferiores passam a ser explicadas por questões como a fome, a falta de instrução, a falta de estrutura familiar e a insalubridade em que eles viviam, entre outros aspectos. Explicações como a de Euclides da Cunha não seriam mais hegemônicas nos meios acadêmicos. Ora, é exatamente nesse momento que, segundo Regina Abreu, em *O enigma de Os sertões*,³¹ o movimento euclidiano começa a ganhar força, recebendo subvenções do estado de São Paulo e a contribuição de intelectuais renomados, como Gilberto Freire,

José Lins do Rego, Plínio Salgado, Lúcia Miguel Pereira, entre outros. O movimento de monumentalização de Euclides da Cunha estava, finalmente, rendendo frutos e conquistando reconhecimento nacional. No entanto, se esses intelectuais pretendiam realmente “santificar” o escritor, nada mais inapropriado do que ressaltar suas características evolucionistas nessa época. Esse lado do escritor pode ter passado, então, a ser silenciado pelos intelectuais. Finalmente, após 70 anos de silêncio, essa memória, de fato, passou a não existir mais. Este é mais um dos chamados silêncios eloqüentes, que geralmente acontecem quando, intencionalmente, algumas coisas, no caso de Euclides, sua identidade com o pensamento evolucionista spenceriano da época, passam a ser esquecidas em benefício de outras, que passam a ser ressaltadas.

A terceira e última hipótese diz respeito mais especificamente à criação de um Euclides positivista a partir do Grêmio Euclidiano³² o que não anula as outras hipóteses, mas apenas as complementa. Sob esse ponto de vista, intelectuais positivistas que ajudaram a fundar o Grêmio Euclidiano, como Roquette Pinto, Edgard e Carlos Sussekind e Francisco Venâncio Filho, teriam ajudado a construir uma imagem de Euclides da Cunha positivista, muito similar à deles próprios. Esses mesmos intelectuais, unidos a tantos outros filiados ao Grêmio Euclidiano, estavam interessados apenas em glorificar a figura de Euclides, e não em analisá-la de forma crítica. Desse modo, o evolucionismo, tão presente em sua obra, teria ficado à margem, ou até mesmo esquecido, nos estudos sobre Euclides da Cunha feitos por euclidianos.

Antes de encerrar este artigo, é importante evocar mais uma vez as palavras de Costa Lima:³³ “[...] Lamentavelmente, a conversão de *Os sertões* em objeto de glória e em símbolo fundador da nacionalidade tem impedido que seus analistas cumpram o que seria deles mais esperado: a explicitação dos problemas com que Euclides se depara e a precariedade de muitas de suas soluções”. Este é, de fato, um dos grandes problemas que cercam a obra de Euclides da Cunha e, ao que parece, é bem mais antigo do que seria de se presumir.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Trabalho redigido no âmbito dos projetos “O positivismo e as ciências naturais na segunda metade do século XIX” e “As ciências naturais e a exploração dos recursos naturais no Brasil”, coordenados por Heloísa Maria Bertol Domingues, na vigência de bolsa do Programa de Capacitação Institucional do MAST/MCT. Natália Peixoto Bravo de Souza é mestranda em História Social na USP e Gastão Galvão é doutorando em História da Ciência na Coppe/Ufrj.

- 1 VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha: Esboço biográfico. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p.55.
- 2 Ibid.
- 3 http://pt.wikisource.org/wiki/Artigo_de_Euclides_da_Cunha_de_17_de_mar%C3%A7o_de_1892. Acesso em 20/01/2008.
- 4 http://pt.wikisource.org/wiki/Artigo_de_Euclides_da_Cunha_de_19_de_mar%C3%A7o_de_1892. Acesso em 20/01/2008.
- 5 http://pt.wikisource.org/wiki/A_nossa_vend%C3%A9ria_%281%29. Acesso em 20/01/2008.
- 6 REALE, Miguel. Face oculta de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, p.158.
- 7 Ibid.
- 8 ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005, p.287; VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1988, p.240; VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org). O Brasil republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.357.
- 9 www.igrejapositivistadobrasil.org.br
- 10 SEVCENKO, Nicolau O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 4 v, p.18.
- 11 VELLOSO, op.cit., 1988, p.240.
- 12 ROMERO, Sílvio. Doutrina contra doutrina. O evolucionismo e o positivismo na república do Brasil. Rio de Janeiro: Editor J.B Nunes, 1894, p.47.
- 13 Ibid.

- 14 ROMERO, Sílvio. Ensaio de sociologia e literatura. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901, p.180.15 CANDIDO, Antonio. O método crítico de Sílvio Romero. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988, p.37.16 VELLOSO, op.cit., 2003, p.356.18 LINS, Ivan Monteiro de Barros. História do positivismo no Brasil. São Paulo: Ed Nacional, 1967, p.375.19 GIANOTTI, José Arthur. Os pensadores: Augusto Comte. São Paulo: Ed.Abril, 1978, p.15.
- 20 JUNIOR, João Ribeiro. O que é positivismo? São Paulo: Brasiliense, 2003, p.53.
- 21 LINS, op.cit., 1967, p.375.
- 22 DARWIN, Charles. A origem das espécies. São Paulo: Hemus, 1981.
- 23 ALONSO, Ângela. Reforma ordem e progresso. Nossa história, Rio de Janeiro, ano3, n.27, jan. 2006, p.68.
- 24 LIMA, Luiz Costa. Euclides da Cunha: Contrastes e confrontos do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto/NUSEG, 2000, p.16.
- 25 CUNHA, Euclides. Obra completa. Rio de Janeiro:Nova Aguillar, 1966, p.765.
- 26 LIMA, op.cit., 2000, p.20.
- 27 CUNHA, op.cit., 1966, p.767.
- 28 Ibid.
- 29 Ibid.
- 30 Ibid.
- 31 ABREU, Regina. O enigma de Os sertões. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p.276.
- 32 O Grêmio Euclidiano é uma instituição, existente até os dias atuais, fundada em 1911, no Rio de Janeiro, por ex-alunos de Euclides da Cunha, inconformados com a morte trágica do escritor. A idéia inicial do grêmio era apenas homenagear Euclides da Cunha e impedir que seu legado fosse esquecido com a sua morte. No entanto, aos poucos, o grêmio foi se tornando um local de glorificação e adoração que ultrapassaram os limites da simples homenagem. O papel de positivistas como Roquette-Pinto e Francisco Venâncio Filho na consolidação do grêmio, mais tarde transferido para São José do Rio Pardo, foi de fundamental importância.
- 33 LIMA, op.cit., 2000, p.36.

Artigo recebido para publicação em 09/2007.

Aprovado para publicação em 01/2008.